

CIÊNCIAS SOCIALMENTE APLICÁVEIS:

INTEGRANDO SABERES E
ABRINDO CAMINHOS

JORGE JOSÉ MARTINS RODRIGUES
MARIA AMÉLIA MARQUES
(Organizadores)

VOL X



EDITORA
ARTEMIS
2023

CIÊNCIAS SOCIALMENTE APLICÁVEIS:

INTEGRANDO SABERES E
ABRINDO CAMINHOS

JORGE JOSÉ MARTINS RODRIGUES
MARIA AMÉLIA MARQUES

(Organizadores)

VOL X



EDITORA
ARTEMIS

2023



O conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons Atribuição-Não-Comercial NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0). Direitos para esta edição cedidos à Editora Artemis pelos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento, desde que sejam atribuídos créditos aos autores, e sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

A responsabilidade pelo conteúdo dos artigos e seus dados, em sua forma, correção e confiabilidade é exclusiva dos autores. A Editora Artemis, em seu compromisso de manter e aperfeiçoar a qualidade e confiabilidade dos trabalhos que publica, conduz a avaliação cega pelos pares de todos manuscritos publicados, com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

Editora Chefe	Prof. ^a Dr. ^a Antonella Carvalho de Oliveira
Editora Executiva	M. ^a Viviane Carvalho Mocellin
Direção de Arte	M. ^a Bruna Bejarano
Diagramação	Elisangela Abreu
Organizadores	Prof. Dr. Jorge José Martins Rodrigues Prof. ^a Dr. ^a Maria Amélia Marques
Imagem da Capa	ciempies
Bibliotecário	Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Conselho Editorial

Prof.^a Dr.^a Ada Esther Portero Ricol, *Universidad Tecnológica de La Habana “José Antonio Echeverría”*, Cuba
Prof. Dr. Adalberto de Paula Paranhos, Universidade Federal de Uberlândia, Brasil
Prof. Dr. Agustín Olmos Cruz, *Universidad Autónoma del Estado de México*, México
Prof.^a Dr.^a Amanda Ramalho de Freitas Brito, Universidade Federal da Paraíba, Brasil
Prof.^a Dr.^a Ana Clara Monteverde, *Universidad de Buenos Aires*, Argentina
Prof.^a Dr.^a Ana Júlia Viamonte, Instituto Superior de Engenharia do Porto (ISEP), Portugal
Prof. Dr. Ángel Mujica Sánchez, *Universidad Nacional del Altiplano*, Peru
Prof.^a Dr.^a Angela Ester Mallmann Centenaro, Universidade do Estado de Mato Grosso, Brasil
Prof.^a Dr.^a Begoña Blandón González, *Universidad de Sevilla*, Espanha
Prof.^a Dr.^a Carmen Pimentel, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Brasil
Prof.^a Dr.^a Catarina Castro, Universidade Nova de Lisboa, Portugal
Prof.^a Dr.^a Cirila Cervera Delgado, *Universidad de Guanajuato*, México
Prof.^a Dr.^a Cláudia Neves, Universidade Aberta de Portugal
Prof.^a Dr.^a Cláudia Padovesi Fonseca, Universidade de Brasília-DF, Brasil
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos, Universidade Federal da Grande Dourados, Brasil
Prof. Dr. David García-Martul, *Universidad Rey Juan Carlos de Madrid*, Espanha
Prof.^a Dr.^a Deuzimar Costa Serra, Universidade Estadual do Maranhão, Brasil
Prof.^a Dr.^a Dina Maria Martins Ferreira, Universidade Estadual do Ceará, Brasil
Prof.^a Dr.^a Edith Luévano-Hipólito, *Universidad Autónoma de Nuevo León*, México
Prof.^a Dr.^a Eduarda Maria Rocha Teles de Castro Coelho, Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Portugal
Prof. Dr. Eduardo Eugênio Spers, Universidade de São Paulo (USP), Brasil
Prof. Dr. Eloi Martins Senhoras, Universidade Federal de Roraima, Brasil



Prof.ª Dr.ª Emilas Darlene Carmen Lebus, *Universidad Nacional del Nordeste/ Universidad Tecnológica Nacional, Argentina*
Prof.ª Dr.ª Erla Mariela Morales Morgado, *Universidad de Salamanca, Espanha*
Prof. Dr. Ernesto Cristina, *Universidad de la República, Uruguay*
Prof. Dr. Ernesto Ramírez-Briones, *Universidad de Guadalajara, México*
Prof. Dr. Fernando Hitt, *Université du Québec à Montréal, Canadá*
Prof. Dr. Gabriel Díaz Cobos, *Universitat de Barcelona, Espanha*
Prof.ª Dr.ª Gabriela Gonçalves, Instituto Superior de Engenharia do Porto (ISEP), Portugal
Prof. Dr. Geoffroy Roger Pointer Malpass, Universidade Federal do Triângulo Mineiro, Brasil
Prof.ª Dr.ª Gladys Esther Leoz, *Universidad Nacional de San Luis, Argentina*
Prof.ª Dr.ª Glória Beatriz Álvarez, *Universidad de Buenos Aires, Argentina*
Prof. Dr. Gonçalo Poeta Fernandes, Instituto Politécnico da Guarda, Portugal
Prof. Dr. Gustavo Adolfo Juarez, *Universidad Nacional de Catamarca, Argentina*
Prof. Dr. Håkan Karlsson, *University of Gothenburg, Suécia*
Prof.ª Dr.ª Iara Lúcia Tescarollo Dias, Universidade São Francisco, Brasil
Prof.ª Dr.ª Isabel del Rosario Chiyon Carrasco, *Universidad de Piura, Peru*
Prof.ª Dr.ª Isabel Yohena, *Universidad de Buenos Aires, Argentina*
Prof. Dr. Ivan Amaro, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil
Prof. Dr. Iván Ramon Sánchez Soto, *Universidad del Bío-Bío, Chile*
Prof.ª Dr.ª Ivânia Maria Carneiro Vieira, Universidade Federal do Amazonas, Brasil
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz, *University of Miami and Miami Dade College, Estados Unidos*
Prof. Dr. Jesús Montero Martínez, *Universidad de Castilla - La Mancha, Espanha*
Prof. Dr. João Manuel Pereira Ramalho Serrano, Universidade de Évora, Portugal
Prof. Dr. Joaquim Júlio Almeida Júnior, UniFIMES - Centro Universitário de Mineiros, Brasil
Prof. Dr. Jorge Ernesto Bartolucci, *Universidad Nacional Autónoma de México, México*
Prof. Dr. José Cortez Godínez, Universidad Autónoma de Baja California, México
Prof. Dr. Juan Carlos Cancino Diaz, Instituto Politécnico Nacional, México
Prof. Dr. Juan Carlos Mosquera Feijoo, *Universidad Politécnica de Madrid, Espanha*
Prof. Dr. Juan Diego Parra Valencia, *Instituto Tecnológico Metropolitano de Medellín, Colômbia*
Prof. Dr. Juan Manuel Sánchez-Yáñez, *Universidad Michoacana de San Nicolás de Hidalgo, México*
Prof. Dr. Juan Porras Pulido, *Universidad Nacional Autónoma de México, México*
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Brasil
Prof. Dr. Leinig Antonio Perazolli, Universidade Estadual Paulista (UNESP), Brasil
Prof.ª Dr.ª Livia do Carmo, Universidade Federal de Goiás, Brasil
Prof.ª Dr.ª Luciane Spanhol Bordignon, Universidade de Passo Fundo, Brasil
Prof. Dr. Luis Fernando González Beltrán, *Universidad Nacional Autónoma de México, México*
Prof. Dr. Luis Vicente Amador Muñoz, *Universidad Pablo de Olavide, Espanha*
Prof.ª Dr.ª Macarena Esteban Ibáñez, *Universidad Pablo de Olavide, Espanha*
Prof. Dr. Manuel Ramiro Rodríguez, *Universidad Santiago de Compostela, Espanha*
Prof.ª Dr.ª Márcia de Souza Luz Freitas, Universidade Federal de Itajubá, Brasil
Prof. Dr. Marcos Augusto de Lima Nobre, Universidade Estadual Paulista (UNESP), Brasil
Prof. Dr. Marcos Vinicius Meiado, Universidade Federal de Sergipe, Brasil
Prof.ª Dr.ª Mar Garrido Román, *Universidad de Granada, Espanha*
Prof.ª Dr.ª Margarida Márcia Fernandes Lima, Universidade Federal de Ouro Preto, Brasil
Prof.ª Dr.ª María Alejandra Arecco, *Universidad de Buenos Aires, Argentina*
Prof.ª Dr.ª Maria Aparecida José de Oliveira, Universidade Federal da Bahia, Brasil
Prof.ª Dr.ª Maria Carmen Pastor, *Universitat Jaume I, Espanha*
Prof.ª Dr.ª Maria do Céu Caetano, Universidade Nova de Lisboa, Portugal
Prof.ª Dr.ª Maria do Socorro Saraiva Pinheiro, Universidade Federal do Maranhão, Brasil
Prof.ª Dr.ª Maria Gracinda Carvalho Teixeira, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Brasil

Prof.ª Dr.ª Maria Lúcia Pato, Instituto Politécnico de Viseu, Portugal
Prof.ª Dr.ª Maritza González Moreno, *Universidad Tecnológica de La Habana, Cuba*
Prof.ª Dr.ª Mauriceia Silva de Paula Vieira, Universidade Federal de Lavras, Brasil
Prof.ª Dr.ª Ninfa María Rosas-García, Centro de Biotecnología Genómica-Instituto Politécnico Nacional, México
Prof.ª Dr.ª Odara Horta Boscolo, Universidade Federal Fluminense, Brasil
Prof. Dr. Osbaldo Turpo-Gebera, *Universidad Nacional de San Agustín de Arequipa, Peru*
Prof.ª Dr.ª Patrícia Vasconcelos Almeida, Universidade Federal de Lavras, Brasil
Prof.ª Dr.ª Paula Arcoverde Cavalcanti, Universidade do Estado da Bahia, Brasil
Prof. Dr. Rodrigo Marques de Almeida Guerra, Universidade Federal do Pará, Brasil
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares, Universidade Federal do Piauí, Brasil
Prof. Dr. Sergio Bitencourt Araújo Barros, Universidade Federal do Piauí, Brasil
Prof. Dr. Sérgio Luiz do Amaral Moretti, Universidade Federal de Uberlândia, Brasil
Prof.ª Dr.ª Silvia Inés del Valle Navarro, *Universidad Nacional de Catamarca, Argentina*
Prof.ª Dr.ª Solange Kazumi Sakata, Instituto de Pesquisas Energéticas e Nucleares (IPEN)- USP, Brasil
Prof.ª Dr.ª Stanislava Kashtanova, *Saint Petersburg State University, Russia*
Prof.ª Dr.ª Teresa Cardoso, Universidade Aberta de Portugal
Prof.ª Dr.ª Teresa Monteiro Seixas, Universidade do Porto, Portugal
Prof. Dr. Valter Machado da Fonseca, Universidade Federal de Viçosa, Brasil
Prof.ª Dr.ª Vanessa Bordin Viera, Universidade Federal de Campina Grande, Brasil
Prof.ª Dr.ª Vera Lúcia Vasilévski dos Santos Araújo, Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Brasil
Prof. Dr. Wilson Noé Garcés Aguilar, *Corporación Universitaria Autónoma del Cauca, Colômbia*
Prof. Dr. Xosé Somoza Medina, *Universidad de León, Espanha*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

C569 Ciências socialmente aplicáveis [livro eletrônico] : integrando saberes e abrindo caminhos: vol. X / Organizadores Jorge Rodrigues, Maria Amélia Marques. – Curitiba, PR: Artemis, 2023.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

Edição bilíngue

ISBN 978-65-87396-98-9

DOI 10.37572/EdArt_301023989

1. Ciências sociais aplicadas – Pesquisa – Brasil. 2. Abordagem interdisciplinar do conhecimento. I. Rodrigues, Jorge José Martins.
II. Marques, Maria Amélia.

CDD 307

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422



APRESENTAÇÃO

O décimo volume da coleção segue a lógica dos livros anteriores. Procura apresentar ao leitor uma coletânea de artigos sobre problemáticas que são transversais ao campo das ciências sociais aplicadas.

Embora discutível, a metodologia seguida na organização destes dez volumes procurou privilegiar artigos que abordassem novas tendências e/ou problemáticas transversais relevantes, adotassem metodologias mais holísticas e/ou modelos de investigação aplicada, apresentassem estudos de caso e procurassem ser reflexivos. Nesse contexto, este volume está organizado em quatro grandes eixos – Comércio internacional, Saúde, Formação no ensino e Impactos das políticas públicas.

Na construção da estrutura de cada eixo procurou-se seguir uma lógica em que cada artigo possa contribuir para uma melhor compreensão do artigo que se segue, gerando-se um fluxo de conhecimento acumulado que se pretende fluido e em espiral crescente.

Assim, o eixo Comércio internacional é composto por cinco artigos, onde se realçam os padrões como normas de uso generalizado em determinadas actividades produtivas que pretendem facilitar o comércio internacional, garantindo uniformidade de características aos produtos que delas resultam. Para tal, as organizações intervenientes devem cultivar um clima organizacional de abertura ao exterior, procurando uma maior eficiência no seu processo de produção. A criação de marca própria, por outro lado, poderá proporcionar uma alavancagem nas suas receitas ou ser mesmo um atractor para organizações prestadoras de serviços.

O eixo Saúde é composto por seis artigos. Os cuidados de saúde devem ser diferenciados em função das necessidades do público-alvo, devendo evitar-se uma sobrecarga de trabalho do voluntarismo dos cuidadores informais. A informação sobre os benefícios das plantas medicinais é transmitida entre gerações, no seu contexto comunitário, embora nem toda a medicina tradicional seja aplicável à saúde mental. Contudo, esta é afetada negativamente pelo isolamento social do idoso. Os delitos contra a saúde pública, nomeadamente o uso de estupefacientes e psicotrópicos, é alvo de punição criminal.

O eixo Formação no ensino, num total de sete artigos, começa por distinguir a ciência da pseudo-ciência, e enfatiza o fato de haver cada vez mais mulheres a participarem na conceção e criação de conhecimento. Esta capacidade acrescida de criar conhecimento é crucial para a formação de docentes inclusivos que sejam facilitadores do proceso de construção e partilha responsável do mesmo, devendo

para isso usadas estratégias pedagógicas assentes em tecnologias de informação e comunicação. O consumo de álcool tem repercussões negativas quer na saúde quer no desempenho académico.

O eixo Impactos das políticas públicas é constituído por sete artigos que realçam os efeitos benéficos que se procuram obter com a promoção de políticas públicas, as quais pretendem alcançar níveis de eficiência e eficácia no reforço da prestação de serviços públicos de qualidade. Hoje, essa promoção recorre à combinação e interatividade de meios multimedia e da infografia, seja para a difusão de mensagens políticas, sensibilização às alterações climáticas, reinterpretação de eventos sociais ou análises financeiras.

Com a disponibilização do décimo livro e seus artigos esperamos que os mesmos gerem inquietude intelectual e curiosidade científica, procurando a satisfação de novas necessidades e descobertas, motor de todas as fontes de inovação.

Jorge Rodrigues, ISCAL/IPL, Portugal
Maria Amélia Marques, IPS/ESCE, Portugal

SUMÁRIO

COMÉRCIO INTERNACIONAL

CAPÍTULO 1..... 1

STANDARDS, QUALITY AND RISKS

Alcina de Sena Portugal Dias

 https://doi.org/10.37572/EdArt_3010239891

CAPÍTULO 2..... 18

EVALUACIÓN DEL CLIMA ORGANIZACIONAL EN UNA EMPRESA MIELERA MEXICANA

Roger Manuel Patrón Cortés

Román Alberto Quijano García

Giselle Guillermo Chuc

Carlos Alberto Pérez Canul

Charlotte Monserrat Llanes Chiquini

Diana Concepción Mex Alvarez

 https://doi.org/10.37572/EdArt_3010239892

CAPÍTULO 3..... 26

PROYECTO -APLICATIVO, FACTIBILIDAD SIEMBRA-COSECHA Y VENTA DEL FRIJOL POR LOS EJIDATARIOS UBICADOS EN EL MARGEN DERECHO DEL RIO SANTIAGO EN SANTIAGO IXCUINCLA NAYARIT

Ileana Margarita Simancas Altieri

Heriberta Ulloa Arteaga

María Asunción Gutiérrez Rodríguez

Iliana Josefina Velasco Aragón

 https://doi.org/10.37572/EdArt_3010239893

CAPÍTULO 4..... 36

ADIDAS –ABORDAGEM AO MODELO DE GESTÃO

Ana Pereira

Bruna Santos

Leonor Esteves

Patrícia Mendes

Adalmiro Pereira

Tânia Teixeira

 https://doi.org/10.37572/EdArt_3010239894

CAPÍTULO 5.....62

MARKETING DE CIDADES TURÍSTICAS: A IMAGEM MERCADOLÓGICA SÃO JOSÉ DE RIBAMAR COMO DESTINO TURÍSTICO DA ILHA DE SÃO LUÍS, NO ESTADO DO MARANHÃO (BRASIL)

Almilene de Oliveira do Vale

Fabio Abreu Santos

Rafael Aguiar do Vale

 https://doi.org/10.37572/EdArt_3010239895

SAÚDE

CAPÍTULO 6.....77

INTERVENÇÕES DO ENFERMEIRO ESPECIALISTA EM ENFERMAGEM COMUNITÁRIA COM AS CRIANÇAS COM NECESSIDADES DE SAÚDE ESPECIAIS: SCOPING REVIEW

Ana Margarida Andrade Costa França

Vera Filipa da Silva Bizarro

 https://doi.org/10.37572/EdArt_3010239896

CAPÍTULO 7 93

A SOBRECARGA DO CUIDADOR INFORMAL DA PESSOA DEPENDENTE, EM CONTEXTO DE ECCI: CONTRIBUTOS PARA A CONSTRUÇÃO DE UM GUIA DO CUIDADOR

Andreia Isabel Canas Simões dos Santos

 https://doi.org/10.37572/EdArt_3010239897

CAPÍTULO 8.....107

LOS SEMILLEROS DE PLANTAS MEDICINALES COMO ESTRATEGIA PEDAGÓGICA SOCIAL PARA FOMENTAR Y PROMOVER LA DIVERSIDAD BIOCULTURAL

Bernardo Javier Tobar Quitiaquez

Claudia Patricia Chazatar Ceballos

Silene del Socorro Fuelantala Tarapues

 https://doi.org/10.37572/EdArt_3010239898

CAPÍTULO 9.....123

O IMPACTO DO ISOLAMENTO SOCIAL DURANTE A PANDEMIA POR COVID-19 NA SAÚDE MENTAL DO IDOSO

Marcela Isabel Canas Simões dos Santos

 https://doi.org/10.37572/EdArt_3010239899

CAPÍTULO 10.....143

PROTECCIÓN JURÍDICA DE SALUD DE NIÑOS, NIÑAS Y ADOLESCENTES CON TEA

Fátima Elizabeth Villalba

 https://doi.org/10.37572/EdArt_30102398910

CAPÍTULO 11.....153

INVESTIGACIÓN DE POLÍTICA CRIMINAL EN MATERIA DE DELITOS CONTRA LA SALUD RELACIONADOS CON ESTUPEFACIENTES Y PSICOTRÓPICOS

Giuseppe Francisco Falcone Treviño

Sergio Rafael Hernández

Zaida Leticia Tinajero Mallozzi

Joel Luis Jiménez Galán

 https://doi.org/10.37572/EdArt_30102398911

FORMAÇÃO NO ENSINO

CAPÍTULO 12.....193

LA CIENCIA Y LA PSEUDOCIENCIA: DILEMA

Elvia Ojeda-Landirez

Olmedo Secaira-Flores

Narcisa Castro-Chávez

 https://doi.org/10.37572/EdArt_30102398912

CAPÍTULO 13.....208

LAS MUJERES EN LA CIENCIA. ANÁLISIS CON PERSPECTIVA DE GÉNERO DE LA FUNCIÓN DE INVESTIGACIÓN Y DESARROLLO (I+D) DE LA UNIVERSIDAD NACIONAL DEL NORDESTE A NIVEL CENTRAL

Fermina Mauriño

 https://doi.org/10.37572/EdArt_30102398913

CAPÍTULO 14.....215

LA INVESTIGACIÓN EN LA FORMACIÓN DE LOS ESTUDIANTES DE LA UNIDAD ACADÉMICA DE ODONTOLOGÍA DE LA UAZ

Jesús Rivas-Gutiérrez
Christian Starlight Franco-Trejo
José Ricardo Gómez-Bañuelos
Martha Patricia de la Rosa-Basurto
Luz Patricia Falcón-Reyes
Martha Patricia Delijorge-González
Georgina del Pilar Delijorge-González

 https://doi.org/10.37572/EdArt_30102398914

CAPÍTULO 15 227

PRÁCTICAS EDUCATIVAS DEL PROFESORADO EN LA FORMACIÓN INICIAL DE DOCENTES INCLUSIVOS

Marco Antonio Gamboa Robles
María Julieta Maldonado Figueroa
María Angélica Quiroz Leyva

 https://doi.org/10.37572/EdArt_30102398915

CAPÍTULO 16.....241

LA CONSTRUCCIÓN DE LA REPRESENTACIÓN SOCIAL DEL “BUEN DOCENTE” EN LAS INSTITUCIONES DE EDUCACIÓN SUPERIOR

Jesús Rivas Gutiérrez
María Dolores Carlos Sánchez
Nubia Maricela Chávez Lamas
María Elisa Escareño Espinosa
Elizabeth Aguirre Medina
Ana Karen González Álvarez

 https://doi.org/10.37572/EdArt_30102398916

CAPÍTULO 17250

EL USO DE LAS TIC EN PROFESORES DE EDUCACIÓN SUPERIOR Y LAS ESTRATEGIAS DIDÁCTICAS

Patricia Llanes Rodríguez
Blanca Valenzuela
María Fernanda Córdova López

 https://doi.org/10.37572/EdArt_30102398917

CAPÍTULO 18264

CONSUMO DE ALCOHOL EN UNA MUESTRA DE ESTUDIANTES UNIVERSITARIOS PERUANOS

Jose Yvan Vargas Bourguet
Fidel Ernesto Crisanto Gómez
Alex Alonso Pinzón Chunga

 https://doi.org/10.37572/EdArt_30102398918

IMPACTOS DAS POLÍTICAS PÚBLICAS

CAPÍTULO 19271

LOS RETOS Y OPORTUNIDADES DE LA ADMINISTRACIÓN PÚBLICA EN MÉXICO

María Eugenia Senties Santos

 https://doi.org/10.37572/EdArt_30102398919

CAPÍTULO 20279

DISEÑO DE UN SOFTWARE INTERACTIVO MULTIMEDIA RELACIONADO AL TEMA DE LOS MATERIALES CERÁMICOS

Ileri Aydee Sustaita Torres
Osbaldo Vite Chávez
Luis Humberto Mendoza Huizar
Eduardo García Sánchez
Francisco Javier Martínez Ruíz
José Manuel Cervantes Viramontes
Miguel Ángel García Sánchez
Ana Lourdes Aracely Borrego Elías
Verónica Torres Cosío
Luis Eduardo Bañuelos García

 https://doi.org/10.37572/EdArt_30102398920

CAPÍTULO 21294

INFOGRAFÍA COMO GÉNERO DEL PERIODISMO DIGITAL

Guadalupe Hortencia Mar Vázquez
María Teresa de Jesús Arroyo
Miguel Ángel Barragán Villarreal
José Orlando Reyna Fernández

 https://doi.org/10.37572/EdArt_30102398921

CAPÍTULO 22305

A UTILIZAÇÃO DO TWITTER PELOS PARTIDOS POLÍTICOS PORTUGUESES EM CONTEXTO PRÉ-ELEITORAL: AS ELEIÇÕES LEGISLATIVAS DE 2019

Gonçalo Ginestal Albuquerque

 https://doi.org/10.37572/EdArt_30102398922

CAPÍTULO 23317

DOS TRÓPICOS À TUNDRA: COMO O AQUECIMENTO GLOBAL ALTERA A DINÂMICA DA BIODIVERSIDADE

Reinaldo Dias

 https://doi.org/10.37572/EdArt_30102398923

CAPÍTULO 24338

LOS JUEGOS OLÍMPICOS DE 1968: DIVERGENCIAS DISCURSIVAS ENTRE EL ESTADO MEXICANO Y EL MOVIMIENTO ESTUDIANTIL, DESDE LA CULTURA Y LA IDENTIDAD

Juan Porras Pulido

 https://doi.org/10.37572/EdArt_30102398924

CAPÍTULO 25350

ANÁLISIS FINANCIERO COMO HERRAMIENTA PARA LA MEJORA DE LA COMPETITIVIDAD Y LA TOMA DE DECISIONES EN EMPRESAS ECUATORIANAS

Juan Carlos Muñoz Briones

María Beatriz García Saltos

Marjorie Katherine Crespo García

Aura Rosalía Zhigue Luna

 https://doi.org/10.37572/EdArt_30102398925

SOBRE OS ORGANIZADORES367

ÍNDICE REMISSIVO368

CAPÍTULO 24

LOS JUEGOS OLÍMPICOS DE 1968: DIVERGENCIAS DISCURSIVAS ENTRE EL ESTADO MEXICANO Y EL MOVIMIENTO ESTUDIANTIL, DESDE LA CULTURA Y LA IDENTIDAD¹

Data de submissão: 22/09/2023

Data de aceite: 18/10/2023

Juan Porras Pulido

Universidad Nacional Autónoma de México
Escuela Nacional de Lenguas
Lingüística y Traducción
Ciudad de México, México
<https://orcid.org/0000-0003-4926-8481>

RESUMEN: Los desarrollos discursivos alrededor de los Juegos Olímpicos de 1968 (entre ellos, los mensajes visuales) marcaron pautas para suscitar determinados sucesos y la forma de reacción ante ellos. Para que ocurriera así, aspectos como 'cultura' e 'identidad' fueron clave, pues su presencia en la comunicación "olímpica" apuntaló interpretaciones y elaboraciones simbólicas tanto del Estado Mexicano como del Movimiento Estudiantil. Las manifestaciones simbólicas del Estado, las de la Olimpiada, descansaban sobre un bagaje cultural pleno de rasgos identificables

¹ Estudio presentado en el 5º. Congreso Nacional de Ciencias Sociales en Guadalajara, México. El trabajo fue publicado como: "Las divergencias entre el Estado Mexicano y el Movimiento Estudiantil en torno a los Juegos Olímpicos de 1968. Un análisis desde los conceptos de cultura e identidad" en *Memoria del 5º. Congreso Nacional de Ciencias Sociales. Eje 14. Diversidad social y cultural: transformaciones y continuidades.* (2016). COMECSO; Universidad de Guadalajara. <https://www.comecso.com/5congreso/EJE14.pdf>

y respetados por amplios sectores sociales. En este sentido, la comunicación olímpica resultaba de un cuidadoso proceso de selección, jerarquización y codificación de elementos culturales. De acuerdo con Gilberto Giménez (1992), ese proceso construye la identidad, es decir, los límites simbólicos de un actor social (en este caso, el Estado) en su interacción con otros actores. Por otra parte, las elaboraciones del Movimiento Estudiantil, ancladas en el ámbito cultural y de gran fuerza identitaria, estuvieron menos cargadas de la comprensión de sus alcances y límites simbólicos. Para abordar estas cuestiones, divido el trabajo en dos partes. La primera, se referirá al significado que el Estado dio a la Olimpiada como compromiso nacional. Sustento esta elaboración en el concepto de 'superetnia' de Gerd Baumann (2001), el cual aborda la construcción de un "nosotros", con dimensiones nacionales, y su presencia tanto en los discursos cuanto en los desarrollos iconotextuales. La segunda parte esbozará la perspectiva estudiantil sobre los Juegos Olímpicos, la cual los juzgaba como asunto que incumbía sobre todo al gobierno y su intención de mostrar la imagen de un país ideal. Recupero la disertación de Giménez sobre la estabilidad y la mutabilidad de los factores culturales, y la ubicaré en el contexto mexicano de 1968, año que favoreció la pluralización y la diferenciación de los mundos de la vida social.

PALABRAS CLAVE: Cultura. Identidad. México 68. Juegos Olímpicos. Movimiento Estudiantil.

THE 1968 OLYMPIC GAMES: DISCURSIVE DIVERGENCES BETWEEN THE MEXICAN STATE AND THE STUDENT MOVEMENT, FROM THE PERSPECTIVE OF CULTURE AND IDENTITY

ABSTRACT: The discursive developments around the 1968 Olympic Games (including visual messages) set guidelines for the raising of certain events and the way of reacting to them. In order for this to happen, certain aspects such as 'culture' and 'identity' were crucial, since their presence in the "Olympic" communication underpinned interpretations and symbolic elaborations of the Mexican State as well as of the Student Movement. The symbolic manifestations of the State, the Olympic Games, were based on a cultural baggage full of identifiable features and respected by broad social sectors. Therefore, Olympic communication was the result of a careful process of selection, hierarchization and codification of cultural elements. According to Gilberto Gimenez (1992), this process constitutes the construction of identity, that is, the symbolic limits of a social party (i.e., the State) in its interaction with other parties. In contrast, the elaborations of the Student Movement, anchored in the cultural sphere and with great identity strength, were less charged with the understanding of its symbolic scope and limits. To approach these issues, this paper will be divided into two parts. The first will refer to the meaning that the State gave to the Olympics as a national commitment. This elaboration is based on Gerd Baumann's (2001) concept of 'superethnicity', which addresses the construction of an "us", with national dimensions, and its presence in both discourses and iconographic developments. The second part will outline the students' perspective on the Olympic Games, which judged them to be primarily a matter for the government and its intention to show the image of an ideal country. Recover Gimenez's dissertation on the stability and mutability of cultural factors, and place it in the Mexican context of 1968, a year that encouraged the pluralization and differentiation of the worlds of social life.

KEYWORDS: Culture. Identity. Mexico 68. Olympic Games. Student Movement.

1 INTRODUCCIÓN

El 1 de septiembre de 1968, el Presidente de México, Gustavo Díaz Ordaz, rendía el cuarto informe de su gobierno. El momento no podía ser más álgido: el Movimiento Estudiantil se encontraba en su cénit; diversas voces críticas, particularmente en la prensa escrita, cuestionaban la acción represiva del Estado; por otra parte, la cercanía de los Juegos Olímpicos suscitaba una densa incertidumbre sobre la respuesta gubernamental a la protesta juvenil, entre los círculos del poder político y económico, y en el grueso de la población.

En relación con los Juegos Olímpicos, Díaz Ordaz se refirió a ellos como un compromiso ineludible puesto en riesgo, intencionalmente, por las "oscuras fuerzas" que alentaban el Movimiento Estudiantil (Volpi, 1998, pp. 270-271). Varios líderes estudiantiles, sin embargo, se habían pronunciado por deslindar al Movimiento de la inminente Olimpiada. La manera en cómo los dos actores, Estado y Movimiento Estudiantil, se refirieron al

evento, no sólo definió sus posiciones al respecto: también influyó el derrotero de las acciones que ambos tomarían en las semanas previas al 2 de octubre de 1968 y aún en las semanas posteriores a la masacre de Tlatelolco.

Y es que aunque una lectura rápida podría considerar la Olimpiada como la coartada para la represión, es necesario encontrar nuevas líneas de análisis que contribuyan a entender por qué las acciones del Estado, violentamente contundentes, no se sostuvieron sólo en la lógica de la fuerza, sino en una serie de desarrollos discursivos que apuntalaron las decisiones gubernamentales y abonaron la escasa protesta tras la matanza. En este sentido, cuestiono la idea generalizada de que los Juegos Olímpicos se desarrollaron con éxito “porque fue tal el *shock* que se pudieron llevar en santa paz” (Lorenzo Meyer en Discovery, 2008), ya que no bastaba con que el crimen de Estado tuviera un impacto aplastante y una coartada: ésta tenía que ser aceptable en sus pretensiones de veracidad y de moral. Por otra parte, la acción ciudadana durante los Juegos Olímpicos no dio cuenta de ese *shock*: la población no rehusó asistir a los eventos deportivos; antes bien, la participación en los estadios fue entusiasta. Refiere Guy Lagorce, reportero que presenciara tanto la masacre como los juegos: “El ambiente en los estadios era electrizante. La gente manifestaba un entusiasmo maravilloso. Jamás había visto algo semejante. Ni lo volví a ver. México fue algo fuera de lo común. Alegre. Lleno de convivencia, de pasión” (2013, p. 56).

Considero la hipótesis de que los desarrollos discursivos en torno a los Juegos de 1968 (entre los cuales coloco los mensajes visuales), constituyeron un fenómeno de comunicación que marcó pautas de acción y movimientos que propiciaron no sólo determinados sucesos sino la forma en que se reaccionó a ellos. Para que así pudiera ocurrir, aspectos como ‘cultura’ e ‘identidad’ jugaron un papel clave, pues su presencia ineludible en la comunicación ‘olímpica’ motivó interpretaciones y elaboraciones simbólicas tanto del Estado como del Movimiento Estudiantil.

Estimo que las elaboraciones de los estudiantes fueron de gran viveza y espontaneidad pero, acaso, estuvieron menos cargadas de una comprensión cabal de sus alcances simbólicos en el tiempo y en el espacio. En cambio, las manifestaciones simbólicas del Estado, las que no se basaban en la fuerza, las de la Olimpiada, descansaban en un bagaje cultural mucho más estable, pleno de significados asequibles y respetados por amplios sectores sociales. Es por ello que dividiré este trabajo en dos secciones: la primera, se referirá al lugar que el Estado daba a la Olimpiada: la de un compromiso nacional, no sólo de las élites gubernamentales, en el que se empeñaba el nombre de México. La segunda, presentará un esbozo de la perspectiva estudiantil sobre los Juegos

Olímpicos, la cual los juzgaba como asunto que incumbía principalmente al Estado y su intención de mostrar un país ideal.

2 “LA OLIMPIADA ES DE MÉXICO”

En su informe de 1968, Díaz Ordaz previno del “daño psicológico” que la población sufriría si se renunciara a la sede de los Juegos Olímpicos (Volpi, 1998, p. 270). La Olimpiada, para él, era un asunto de interés nacional.

En efecto: la comunicación de los Juegos Olímpicos insistió en demostrar que, aunque se realizarían en la capital de México, su celebración condensaba en sí misma el ser y el sentir nacional. Podríamos decir que la fiesta olímpica no sólo era el escaparate de los logros del Estado sino la consolidación plena del nacionalismo mexicano como una matriz cultural preponderante. Los conceptos y acciones derivados de esa matriz, en constante despliegue y reactualización, aludían a un pasado común que hacía parecer absurdo cualquier acuerdo intercultural, en aras de una pretendida armonía espontánea entre diversos grupos étnicos y sociales. De esta manera, la atención al pasado común revelaba la importancia del origen grupal, de la marca de nacimiento, de la etnia. Pero, al mismo tiempo, la necesidad de consolidar al Estado-nación empujaba a suprimir las diferencias intergrupales.

Ese panorama contradictorio sólo podía ser remontado con el emplazamiento eficaz de una ‘superetnia’. De acuerdo con Gerd Baumann (2001, p. 44), la superetnia es una construcción del pasado y de las marcas de nacimiento e identidad comunes a todos los habitantes del Estado-nación. La superetnia se enmarca en una concepción esencialista de cultura, en la que ésta constituye un repertorio de ideas y reglas de comportamiento necesariamente reproducibles. Baumann también señala:

Las élites de los Estados-nación poscoloniales de Latinoamérica, la mayoría de ellos criollos o de ascendencia europea, se enfrentaron a una doble tarea única en el hemisferio occidental: dar una nación a la “etnia” y al mismo tiempo dar una etnia a la “nación”. De este modo, convertir a la nación en una superetnia supuso algo más que una complicada labor. Es más, fueron dos tareas opuestas convertidas en una sola y no se podía llevar adelante con éxito una de ellas sin la ayuda de la otra (2001, p. 47).

La Olimpiada de 1968 era el mejor botón de muestra de cómo la superetnia mexicana, en la cual se integraban los más diversos rasgos culturales del país, había cuajado plenamente. Según ello, los habitantes de la Nación gozaban de una identidad nacional homogénea, concretada en la capital del país, en la cual se movía a sus anchas “esa especie de *súper ego idealizado*, en el cual se invocan como definitorios rasgos culturales objetivamente inexistentes y hasta *tradiciones inventadas*” (Giménez, 1992, p.

187). De esta forma, el logotipo México 68, conformado por líneas paralelas, se justificó como alusivo a los diseños de la cultura material huichol, sin importar que esta etnia no predominara en todo el país ni fuera propia de la Ciudad de México, sede de los Juegos. Toda manifestación cultural que gozara de reconocimiento y hubiera tenido lugar en el territorio nacional era símbolo de 'mexicanidad': por ejemplo, los textiles oaxaqueños, la talavera poblana, las esculturas olmecas, ilustraban las cartas y los boletines olímpicos (las dos principales publicaciones informativas de la organización de la Olimpiada).

En el desarrollo de la comunicación olímpica, el Comité Organizador puso de relieve los aspectos culturales del país anfitrión como no lo había hecho ninguna organización precedente: en las publicaciones, en los sistemas gráficos, en los audiovisuales. La tarea podría haber parecido titánica desde una perspectiva compleja de cultura, pero no lo era en un país cuyo sistema educativo era homogéneo en cuanto a contenidos y procedimientos, lo que hacía posible sostener el encargo sobre una cultura institucional que hacía más caso a los símbolos comunes (auténticos o contruidos) que a las especificidades étnicas o sociales. Fue por ello que no todos se podían reconocer en los símbolos y significados de la Nación, pero todos podían reconocer estos elementos. Nos dice García Canclini: "una nación es, en parte, una comunidad hermenéutica de consumidores. Aun los objetos que no son compartidos por todos son significativos para la mayoría." (1992, p. 11). En este sentido, los consumidores no atienden a argumentos, sino que se asimilan a las formas de vida que propone la publicidad, las cuales son "para todos o para nadie" (McLuhan, 1994, p. 267). En la estrategia mediática, los habitantes del país no fueron enunciados como consumidores; pero, tácitamente, fueron considerados como tales: susceptibles de percibir el influjo de la idea olímpica, indiscutida y totalizante, y propensos a adherirse a ella.

La idea olímpica no sólo se tradujo a una estrategia de comunicación visual: alcanzó su expresión plena en y desde la visualidad. En este ámbito perceptivo se constituyó como 'identidad' y fincó su potencial para generar empatía en el observador. En la jerga de los diseñadores gráficos, el término 'identidad' es de uso corriente para designar una serie de códigos visuales que serán propios de una empresa o institución. Sin embargo, más allá de ese uso gremial, bien puede hablarse de una identidad olímpica, generada para los juegos de 1968, fuertemente vinculada con la idea de nacionalismo.

La identidad surge con base en procesos de diferenciación de los rasgos propios frente a los rasgos ajenos, y de integración de rasgos diversos, también propios, en coordenadas espacio temporales (Giménez, 1992, pp. 189-190). Los diseñadores de la "imagen olímpica" activaron esos procesos con base en preguntas como: ¿qué es México? ¿Cómo es México? ¿Cómo nos ve el mundo? ¿Cómo queremos ser vistos por el mundo?

(González y Calderón, 1998, p. 25). En estas interrogantes se encuentra implícita una visión dirigida en la que “no todos los rasgos culturales inventariados por el observador externo son igualmente pertinentes para la definición de la propia identidad, sino sólo algunos de ellos socialmente seleccionados, jerarquizados y codificados para marcar simbólicamente sus fronteras en el proceso de su interacción con otros actores sociales” (Giménez, 1992, p. 187). No todos los atributos con los que nos define “el otro” son pertinentes. Además, es igualmente importante considerar cómo deseamos ser reconocidos. En este aspecto radica el concepto de ‘imagen’, que Turner define como “la apariencia que se tiene de sí mismo en un momento determinado”. Por su parte, Goffman considera que la imagen es una representación que hacemos de nosotros mismos con base en la naturaleza de la escena y la expectativa del público (Giménez, 1992, pp. 187-196). La imagen no tiene, pues, una intención de falsedad: es la demostración convincente y positiva del individuo (o de una sociedad) en una coyuntura determinada. Quisiera enfatizar esta última idea, pues será de interés en el siguiente apartado.

De esta forma, la Olimpiada, en su identidad visual, era de México. La imagen proyectada se caracterizaba por la exuberancia cromática y formal pero propiciaba una impresión de orden y solidez. El país era uno y era con el mundo: éste era el sentido que Díaz Ordaz recuperó en su cuarto informe presidencial, en una de sus referencias a los Juegos Olímpicos:

Nos vamos a presentar al mundo como lo que somos: una nación capaz de superar los escollos para llevar a término una obra. Muy pronto todas las naciones harán ondear sus banderas al lado de la nuestra, en lo que México ha querido que sea no sólo una noble y sana emulación física, sino también cultural, un afán de solidaridad humana y un deseo de paz. (Congreso de la Unión, 2006, p. 257).

El énfasis en la cultura expresaba la voluntad del Presidente de la República de encabezar una organización olímpica “distinta”, no sólo para convencer a los medios extranjeros de la capacidad logística de su gobierno, sino para desmarcarse de quienes habían conseguido la sede olímpica y la habían heredado a su administración. Algunos funcionarios creían que la organización de los juegos deportivos, de resultar exitosa, suscitaría los elogios y el reconocimiento para la administración precedente, la que había desplegado su “buen oficio” al traer los juegos a México. Era por ello que las actividades artísticas, enmarcadas en el ambicioso Programa Cultural de la XIX Olimpiada, debían ser una de las principales aportaciones de México al Movimiento Olímpico y su paternidad sólo podría serle adjudicada a Pedro Ramírez Vázquez, el Presidente del Comité Organizador que Díaz Ordaz había designado. Por extensión, al mandatario también le correspondería la paternidad del festival cultural. (Casellas, 1992, p. 26).

En su cuarto informe, Díaz Ordaz apelaba a la existencia de un México entusiasta y enérgico, deseoso de realiza la justa deportiva y de imprimirle un sello humanista. Con un sonoro aplauso, el Congreso de la Unión respondió a las palabras del mandatario. Pero no todos los mexicanos aplaudirían con la determinación casi mecánica de los diputados y los senadores.

3 “NO QUEREMOS OLIMPIADA, QUEREMOS REVOLUCIÓN”

El Movimiento Estudiantil atribuiría la realización de la Olimpiada a una voluntad de Estado y contestaría con su propias acciones la unicidad social que parecía animar la empresa olímpica. A la postre, el Consejo Nacional de Huelga (CNH) declararía:

Durante los últimos meses, el país se ha visto sacudido por la protesta de miles de estudiantes que, a través de la demanda de solución de un pliego petitorio que consta de seis puntos, cuestionan la imagen que de México la clase dominante ha pretendido crear y cuyos rasgos principales son la paz, la estabilidad y la riqueza. (Consejo Nacional de Huelga, 1968).

El Movimiento Estudiantil puso en entredicho la imagen proyectada hacia el exterior. Ello no significaba, empero, que los integrantes del Movimiento Estudiantil se sustrajeran de reconocer los símbolos del nacionalismo y de reconocerse *en ellos*. Narra Roberta Avendaño Martínez, *Tita*, activista: “tú estabas luchando por algo en lo que creías, y que te habían enseñado desde chico que era valioso: tu bandera, tu Patria, tu himno, tu todo” (Clío, 2004). Sin embargo, la cultura, por muy institucionalizada que se pretenda, no puede dejar de ser dinámica. Nos dice Vizer:

[...] la cultura constituye una ecología material, simbólica y significativa de “objetos”, de procedimientos y de signos; y regula los tiempos que debe observar la sociedad. Y la “sociedad”, desde la perspectiva de los seres humanos que la conforman, se constituye en el dominio de la praxis social que construye sus propios espacios (materiales y simbólicos). (2003, p. 217).

En 1968 tuvieron lugar una serie de cambios culturales que anunciaron cómo un “tiempo observado” llegaba a su fin y que la sociedad debía transitar por nuevos caminos. Otros símbolos y significados nutrían la praxis social, particularmente de los sectores estudiantiles. Otras figuras se convertían en el estandarte del cambio: no los héroes nacionales, sino los luchadores contemporáneos como el Che Guevara. En *La noche de Tlatelolco*, de Elena Poniatowska (1971, p. 40), se recupera el siguiente testimonio:

Yo nunca he pensado realmente en Zapata como en un símbolo estudiantil, un emblema. Zapata está integrado a la ideología burguesa, ya se lo apropió el PRI. Quizá por eso, en un principio, en nuestras manifestaciones escogimos al Che. ¡El Che nos unía también a todos los movimientos estudiantiles del mundo!
Claudia Cortés González, estudiante de Ciencias Políticas de la UNAM.

Un cambio cultural de esta naturaleza ponía en tela de juicio, para el Estado y amplios sectores de la sociedad, la *identidad nacional* de los jóvenes estudiantes, ese *malentendido*, en palabras de Grüner (2002, p. 251) que llevó a la identidad de ser un hecho individual a ser un hecho social. Como hecho individual, la identidad puede ser considerada la dimensión subjetiva de los actores sociales que en cuanto tales están situados “entre el determinismo y la libertad.” (Giménez, 1996, p. 187). Pensar la *identidad nacional* de los individuos se presume, cuando menos, como una situación que no puede permanecer fija, ya que transigen entre sí los aspectos normativos con los de la propia deliberación. Podríamos decir que los jóvenes de 1968 desarrollaban *su identidad nacional*, proceso alentado además por el momento histórico, en el que las sociedades modernas comenzaban la tendencia a la diferenciación y la pluralización de los mundos de la vida social (Giménez, 1996, p. 187). De esta manera, en el contexto mexicano la cultura se afirmaba en su carácter procesual, “como un recital históricamente improvisado que nunca se inmoviliza o se repite sin cambiar su significado.” (Baumann, 2001, p. 41).

Tal vez esta identidad nacional, *sui generis* para los sectores tradicionales del país, que no comprendieron a cabalidad el cambio al que asistían, llevó a muchos jóvenes a separar la Olimpiada de la idea de “México” y, en cambio, a asociarla exclusivamente con el Estado Mexicano. En relación con la Olimpiada, el discurso estudiantil fue ambiguo. En las manifestaciones de protesta, en las opiniones individuales, era claro que el Movimiento era contrario a los Juegos Olímpicos. La famosa frase de los estudiantes, “no queremos Olimpiada, queremos revolución”, no podía ser más directa y elocuente. El CNH, sin embargo, reconocía la necesidad de que la justa se desarrollara como había sido previsto. En conferencias de prensa y desplegados en diarios de la capital, los estudiantes refrendaron esta idea (Volpi, 1998, pp. 258-260).

Con la excepción de las manifestaciones multitudinarias, el CNH evitó declararse contra la Olimpiada. El Consejo sabía bien, presumo, que un pronunciamiento de este tipo habría sido un autoboicot de índole discursiva, con el que se habría dado la razón al Estado sobre uno de los móviles fabricados para desprestigiar al Movimiento: la conjura internacional para estorbar los Juegos Olímpicos, a la cual “servían” los estudiantes. Me parece, sin embargo, que el CNH desestimó la penetración efectiva que la Olimpiada tenía en la población. Aurora Cano (en González Marín, 1998, p. 118), anota:

La paranoia por el éxito de la XIX Olimpiada era algo que compartían pueblo y gobierno [...] la gente común leía las notas que hablaban de los preparativos y de la imagen que nuestro país estaba dando con los disturbios y se angustiaba, con esa idiosincrasia del mexicano por caer bien, por ser el huésped ideal y por demostrar al mundo que éramos un pueblo pacífico y, sobre todo, estable.

Monsiváis (en Volpi, 1998, pp. 270-272) ironizó sobre el “daño psicológico” que Díaz Ordaz atribuía a la cancelación de los juegos. Sin embargo, es difícil saber las consecuencias que ese hecho hubiera acarreado, justamente, a nivel psíquico. La especulación no es deseable; no obstante, es plausible la afirmación de que amplios sectores sociales se involucraron emocional y afectivamente con la Olimpiada. Para apuntalar la afirmación, es necesario preguntarse cómo fue consumida la idea olímpica, es decir, es preciso plantearse cuáles procesos socioculturales se pusieron en marcha para la apropiación de tal idea con sus posteriores usos. En primera instancia, considero que la identidad visual de los juegos fue el fundamento de esos procesos.

Las posibles respuestas a la pregunta anterior, derivada del concepto de recepción como consumo (García Canclini, 1992, p. 10) ayudarían a interpretar con mayores recursos la siguiente opinión, sensiblemente cargada de amargura y que condensa un rasgo que muchos mexicanos consideran como identitario:

Después del 2 de octubre hubo muchos cuates, mucha raza, que si no asistió a los Juegos cuando menos los vio por televisión. ¡Y esto a mí me revuelve el estómago! Pensar que podían ver los actos sobre el cadáver de los compañeros muertos y sobre los miles de desaparecidos que sabíamos encarcelados pero de los que no tenemos seguridad. ¡Y allí estaban los tarados aplaudiéndole al Sargento Pedraza! ¡Qué aguante el de la raza! *Vicente Saldaña Flores, de la ESIME del IPN. (De La Noche de Tlatelolco, Poniatowska, 1971).*

Puede preverse que el comportamiento social tuvo como fondo la despolitización y la autocensura informativa, aspectos referidos ampliamente por Monsiváis y por los corresponsales extranjeros tras la masacre de Tlatelolco. Sin embargo, esos factores no son suficientes para explicar la participación ciudadana, la cual tampoco pareció tomar en cuenta una de las razones por las que varios miembros del CNH eran contrarios a la Olimpiada: su costo económico. Refiere un activista (en Poniatowska, 1971, p. 262):

Somos un país muy pobre y la Olimpiada significaba una sangría económica irreparable, por más que se dijera lo contrario. López Mateos contrajo ese compromiso con fines exhibicionistas que no correspondían para nada a nuestra realidad. *Gustavo Gordillo, del CNH.*

De acuerdo con García Canclini, “el consumo desborda lo que podría entenderse como necesidades, si las definimos como lo indispensable para la supervivencia” (1992, p. 11). La realización de un evento internacional en un país con carencias económicas y graves desigualdades, no puede entenderse sólo como un derroche: es necesario considerar el entramado conceptual y simbólico en el que ese evento se situó, y cómo contribuyó a la confirmación de valores comunes entre diferentes grupos sociales.

Por otra parte, los “fines exhibicionistas” que no “corresponden a la realidad”, pueden ser considerados, como ya hemos visto, como una faceta, como una imagen

identitaria en un momento preciso de la vida de la sociedad. En fin, ¿cuál es la “realidad” de una sociedad? Si existe esa realidad, ¿entonces, de acuerdo con Parsons, es posible una identidad estable, que descansa en la madurez? ¿O, como señalan los interaccionistas simbólicos, no hay identidad estable, ni en lo individual ni en lo social? No quisiera, en modo alguno, relativizar la presencia indiscutible de la desigualdad y las condiciones sociales precarias en México. Pero para su mejor comprensión y solución es necesario adentrarse en los contextos individuales y sociales que propician su presencia y permanencia, lo cual es imposible desde una lectura que no analice con suficiente profundidad los hechos sociales y la manera en que los individuos reaccionan ante ellos.

El Movimiento Estudiantil, perseguido y violentado por el Estado, basó buena parte de su discurso en la argumentación; en este sentido, se sostuvo sobre una lógica afín a la “acción comunicativa” de Habermas. Pero el Movimiento también hizo uso del lenguaje simbólico.

El Movimiento quiso aprovechar la coyuntura de la Olimpiada para dar mayor resonancia a sus demandas. Esta oportunidad, en apariencia beneficiosa dado su potencial de difusión internacional, fue muy riesgosa: como ya he mencionado, el Estado había dispuesto durante dos años una imagen identitaria que había asimilado el concepto ‘Olimpiada’ al de ‘México’. Como mínimo, era transgresivo el ataque verbal de ese espacio simbólico-discursivo. Por ello, estimo que uno de los aciertos de los manifiestos estudiantiles fue contestar la gráfica olímpica de forma simbólica, por medio de reelaboraciones de los pictogramas deportivos o del logotipo olímpico. Muchos ciudadanos recuerdan, especialmente, el símbolo de la paloma de la paz atravesado por una bayoneta. La representación de la paloma ensangrentada era un cuestionamiento en varios niveles: al espíritu pacifista del que se jactaba el gobierno, en contradicción con sus acciones de represión violenta; al acuerdo social, tantas veces reiterado como inmutable, que en realidad no se fundamentaba en el diálogo y sí en la coerción; y, en fin, a la idea olímpica, por medio de la reelaboración irónica de uno de sus símbolos más difundidos dentro y fuera de México. El poder de denuncia de estas imágenes, sostenida en la propia síntesis visual, directa y precisa, de la gráfica olímpica, obedeció a un diseño “improvisado a ritmo de sirenas y tiroteos” (Trocconi, 2010, p. 232). A mediano y largo plazo, los manifiestos visuales de los estudiantes nutrieron la memoria histórica no sólo del registro de los hechos o de las opiniones del momento, sino de los rasgos emocionales e identitarios del Movimiento.

Pero las precarias condiciones de difusión y comunicación del Movimiento no podían competir con la omnipresencia de los motivos olímpicos. A esta desventaja, debe añadirse la propia construcción identitaria del Movimiento, por parte del Estado.

Giménez (1992, p. 195), señala cómo los rasgos identitarios de un grupo social pueden ser reducidos, de manera intencional, para determinados fines. Así, los estudiantes fueron privados de su identidad de ‘mexicanos’ y de ‘ciudadanos’ para focalizar, en cambio, su condición de ‘jóvenes’ (con la inmadurez e inexperiencia “propios de esa edad”) y ‘estudiantes’ (cuya acción, determinada ontológicamente, sólo puede ser la de estudiar) (Volpi, 1998, p. 260).

4 REFLEXIÓN PRELIMINAR

La manera en cómo los factores culturales e identitarios cruzan los discursos y las realizaciones simbólicas, determina en gran medida la acción y reacción de los actores sociales en situaciones de interés.

Conuerdo con Scott Lash en que las prácticas simbólicas, que actúan a menudo a nivel inconsciente (2005, p. 67), guían el desarrollo cultural con sus estructuras derivadas, tanto de pensamiento como de acción. Las prácticas simbólicas que dieron cuerpo a los mensajes visuales ‘olímpicos’ y favorecieron su difusión e impacto, inscritas en un modelo de consumo, derivaban de un ámbito mayor: el de un modelo cultural dominante en la sociedad mexicana de los años 60. Este modelo proveía de signos y de significados a los más diversos actores sociales y hacía posible su interacción que, como hemos visto, no siempre fue armónica; pero en la transgresión, cabe recordarlo, también es requisito conocer y dominar los códigos culturales vigentes, para poder contravenirlos. Por eso consideré necesario cruzar las perspectivas de dos actores sociales relevantes, en una situación de crisis, para esbozar la influencia que esas prácticas simbólicas pudieron tener en el comportamiento social.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Baumann, G. (2001). *El enigma multicultural: Un replanteamiento de las identidades nacionales, étnicas y religiosas*. Barcelona: Paidós.

García Canclini, N. (1992). Los estudios sobre comunicación y consumo. *Diálogos de comunicación* (32), 8-15.

Giménez, G. (1992). La identidad social o el retorno del sujeto en sociología. *Versión* (2), 183-205.

Grüner, E. (2002). *El fin de las pequeñas historias*. Paidós.

Lash, S. (2005). *Crítica de la información*. Amorrortu.

McLuhan, M. (1994). Comprender los medios de comunicación: *Las extensiones del ser humano*. Paidós.

Vizer, E. (2003). *La trama invisible de la vida social*. La Crujía.

FUENTES DOCUMENTALES

Casellas, R. (1992). *Confidencias de una Olimpiada*. Jus.

Consejo Nacional de Huelga. (1968). *Manifiesto a la nación "2 de octubre"*. Recuperado del Memorial del 68, Centro Cultural Tlatelolco de la UNAM.

Congreso de la Unión. (2006). *Informes Presidenciales. Gustavo Díaz Ordaz*. Congreso de la Unión/ Dirección de Servicios de Investigación y Análisis.

González, D., & Calderón, P. (1998). México 68: A treinta años de un nuevo diseño mexicano. *Dediseño* (19), 24-31.

González Marín, S. (Coord.). (1998). *Diálogos sobre el 68*. UNAM/Instituto de Investigaciones Bibliográficas y Dirección General de Asuntos del Personal Académico.

Poniatowska, E. (1971). *La noche de Tlatelolco*. Era.

Trocconi, G. (Ed.). (2010). *100 años de diseño gráfico en México*. Artes de México.

Volpi, J. (1998). *La imaginación al poder: Una historia intelectual de 1968*. Era.

Proceso (Edición especial). (2013). *Testimonios de Tlatelolco*. CISA.

PROGRAMAS DE TELEVISIÓN

Clío (2004) *México Siglo XX: 2 de octubre de 1968, la masacre estudiantil*.

Discovery (2008) *Matanza de Tlatelolco*.

SOBRE OS ORGANIZADORES

Jorge Rodrigues é economista conselheiro. Licenciado, mestre e doutor em Gestão (ISCTE-IUL) com Agregação (UEuropeia). Mestre e pós-doutorado em Sociologia – ramo sociologia económica das organizações (FCSH NOVA). Professor coordenador com agregação no ISCAL – *Lisbon Accounting and Business School* / Instituto Politécnico de Lisboa, Portugal. Exerceu funções de direção em gestão (planeamento, marketing, comercial, finanças) no setor privado, público e cooperativo. Contabilista certificado. É investigador integrado no IJP - Instituto Jurídico Portucalense, centro de investigação acreditado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia. Ensina e publica nas áreas de empresa familiar e família empresária, estratégia e finanças empresariais, gestão global, governabilidade organizacional, marketing, planeamento e controlo de gestão, responsabilidade social e ética das organizações.

Maria Amélia Marques, Doutora em Sociologia Económica das Organizações (ISEG/ULisboa), Mestre em Sistemas sócio-organizacionais da atividade económica - Sociologia da Empresa (ISEG/ULisboa), Licenciada (FPCE/UCoimbra), Professora Coordenadora no Departamento de Comportamento Organizacional e Gestão de Recursos Humanos (DCOGRH) da Escola Superior de Ciências Empresariais, do Instituto Politécnico de Setúbal (IPS/ESCE), Portugal. Coordenadora do Mestrado em Gestão Estratégica de Recursos Humanos. Membro da ISO-TC260 HRM Portugal e Chairman da Subcomissão CT 152/02 desde 2019. Tem várias publicações sobre a problemática da gestão de recursos humanos, a conciliação da vida pessoal, familiar e profissional, os novos modelos de organização do trabalho, as motivações e expectativas dos estudantes Erasmus e a configuração e dinâmica das empresas familiares. Pertence a vários grupos de trabalho nas suas áreas de interesse.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Adidas 36, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61

Administração Pública 271, 272, 273, 274, 275, 276, 277, 278

Alcohol 264, 265, 266, 268, 269, 270

Análisis 22, 144, 146, 149, 152, 157, 158, 162, 163, 164, 167, 168, 170, 171, 172, 173, 174, 182, 183, 184, 187, 189, 191, 193, 196, 197, 201, 202, 206, 208, 209, 210, 213, 219, 220, 221, 222, 223, 224, 230, 232, 238, 245, 248, 249, 250, 252, 256, 258, 267, 271, 282, 285, 286, 294, 298, 299, 301, 338, 340, 349, 350, 351, 352, 353, 354, 355, 357, 358, 359, 363, 364, 365, 366

Aprendizaje 120, 122, 147, 193, 197, 198, 217, 218, 224, 225, 227, 228, 229, 230, 231, 239, 244, 245, 248, 251, 253, 254, 255, 256, 257, 258, 260, 261, 263, 280, 281, 282, 292, 293, 359

Aquecimento global 317, 318, 319, 320, 327, 329

Autismo 79, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 152

B

Biodiversidade 317, 318, 319, 320, 321, 322, 323, 324, 325, 326, 327, 328, 329, 330, 331, 332, 333, 334, 335, 337

Brecha de género 208, 210, 214

Buen docente 241, 242, 243, 244, 245, 246, 247, 248, 249

C

Ciencia 80, 91, 111, 119, 122, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 199, 200, 201, 202, 203, 204, 205, 206, 207, 208, 209, 210, 213, 214, 278, 293, 315, 324

Clima organizacional 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25

Comunicação Digital 305

Comunicação Política 305, 306, 307, 314, 315, 316

Comunidad 34, 107, 108, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 155, 160, 161, 180, 181, 201, 213, 215, 229, 239, 342

Costos 21, 26, 27, 29, 31, 109, 352, 355, 357

COVID-19 58, 123, 124, 125, 126, 128, 130, 132, 133, 137, 138, 139, 140, 141, 142

Crianças com Necessidades de Saúde Especiais 77, 82, 91

Cuidador informal 93, 94, 102, 105

Cultura 25, 50, 53, 59, 107, 109, 116, 118, 122, 172, 178, 195, 200, 201, 224, 232, 241, 243, 246, 249, 258, 261, 276, 278, 315, 338, 340, 341, 342, 343, 344, 345

D

Delitos contra la salud 153, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 171, 172, 174, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 186, 187, 188, 190, 191, 192

Destino turístico 62, 63, 64, 67, 68, 72, 74, 75

Dilema 193, 194, 197

Diversidad 107, 108, 109, 110, 114, 117, 118, 120, 121, 122, 162, 165, 173, 227, 229, 230, 232, 238, 254, 261, 262, 338

Docencia 193, 215, 216, 217, 223, 224, 225, 226, 230, 231, 239, 240, 244, 246, 259, 263, 293

E

Educación 25, 108, 111, 118, 119, 120, 121, 122, 148, 150, 153, 172, 179, 193, 199, 210, 216, 225, 226, 227, 228, 229, 230, 231, 232, 239, 240, 241, 242, 243, 245, 246, 249, 250, 251, 252, 253, 254, 255, 263, 270, 279, 280, 293, 304, 365

Educación emancipadora 227

Educación superior 193, 210, 216, 225, 228, 239, 240, 241, 242, 249, 250, 251, 253

Eficiencia 45, 56, 110, 111, 155, 157, 158, 159, 160, 165, 168, 169, 170, 172, 253, 256, 271, 272, 273, 274, 275, 276, 277, 356, 357, 362

Empresa 18, 20, 21, 22, 24, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 54, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 273, 274, 342, 344, 350, 351, 352, 354, 355, 356, 357, 359, 360, 361, 362, 363, 364, 365

Enfermagem Comunitária 77, 81, 82, 85, 88, 89, 93, 123

Enfermedades 26, 27, 28, 30, 35, 107, 109, 110, 114, 115, 116, 119, 122, 149, 151, 158, 165, 200, 203

Enfermeiro 77, 81, 82, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 91, 93, 95, 103, 104

Equipa de Cuidados Continuados Integrados 93, 94, 95, 102

Estados 19, 21, 27, 51, 70, 71, 78, 131, 155, 255, 274, 275, 301, 306, 341, 350, 351, 352, 354, 355, 358, 364, 365

Estratégia 36, 42, 45, 50, 54, 56, 82, 83, 87, 107, 108, 117, 119, 136, 141, 229, 251, 259, 260, 261, 263, 331, 342, 353, 359, 366

Estrategia pedagógica 107, 117, 119, 229

Estratégias didáticas 229, 250, 251, 252, 255, 258

Estratégias didáticas y educación superior 251

Estupefacientes y psicotrópicos 153, 154, 155, 157, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 169, 171, 172, 174, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184

Etnoeducación 107

F

Financieros 21, 168, 180, 185, 186, 350, 351, 352, 354, 355, 357, 358, 364, 365, 366

G

Género visual y periodismo digital 294

Global market 1, 4, 5, 6, 15

H

Hierarquia 36, 51, 52

I

Identidad 117, 121, 232, 243, 338, 340, 341, 342, 343, 345, 346, 347, 348

Idoso 98, 105, 123, 125, 126, 127, 128, 130, 133, 135, 136, 137, 138

Imagem mercadológica 62, 63, 64, 65, 66, 68, 70, 71, 74, 75

Impacto 21, 44, 49, 52, 79, 87, 88, 92, 93, 99, 100, 101, 102, 123, 125, 127, 128, 129, 130, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 144, 160, 161, 170, 172, 174, 219, 225, 270, 322, 323, 328, 340, 348

Incidencia 29, 165, 173, 175, 176, 326, 350, 365

Inclusión 111, 145, 147, 148, 149, 152, 172, 205, 208, 227, 232, 239, 240, 257, 353, 354

Infancia 143, 144

Infografía 294, 295, 296, 297, 298, 299, 300, 301, 302, 303, 304

Información 34, 149, 165, 168, 170, 171, 172, 173, 174, 178, 182, 184, 193, 195, 197, 216, 221, 222, 224, 247, 250, 251, 252, 253, 254, 255, 258, 272, 273, 274, 277, 279, 281, 285, 286, 287, 288, 290, 294, 295, 296, 297, 299, 300, 301, 302, 303, 304, 348, 351, 352, 353, 354, 355, 357, 358, 364, 365

Investigación 18, 21, 22, 23, 25, 26, 27, 28, 29, 108, 118, 119, 121, 143, 145, 146, 152, 153, 156, 157, 158, 159, 161, 162, 163, 164, 165, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 180, 182, 183, 184, 185, 186, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 195, 196, 197, 198, 204, 206, 207, 208, 209, 210, 211, 213, 214, 215, 216, 217, 218, 219, 220, 221, 222, 223, 224, 225, 226, 229, 230, 232, 239, 250, 251, 252, 254, 257, 258, 263, 264, 265, 266, 267, 270, 288, 293, 294, 296, 298, 299, 301, 302, 349, 353, 354, 359, 364, 365, 366

Investigación y prueba de contexto 153

Isolamento social 123, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138

J

Juegos Olímpicos 338, 339, 340, 341, 343, 345

M

Marketing de Cidades Turísticas 62, 74

Materiales Cerámicos 279, 280, 281, 282, 283, 284, 285, 286, 287, 288, 292

Medicina alternativa 107

Mejora 18, 19, 229, 273, 277, 280, 292, 350, 352, 364

Metodología 22, 26, 27, 29, 74, 77, 86, 93, 99, 108, 119, 123, 127, 153, 167, 168, 169, 170, 182, 184, 193, 194, 196, 197, 204, 207, 218, 219, 220, 221, 232, 252, 257, 261, 262, 263, 270, 280, 281, 292, 293, 309, 315, 319, 350, 353, 364

México 68 338, 339, 342, 349

Modernización 21, 271, 272, 273, 276

Movimiento Estudiantil 338, 339, 340, 344, 347

Mudanças climáticas 317, 318, 319, 320, 321, 322, 323, 324, 325, 326, 327, 328, 329, 330, 331, 332, 333, 334, 335

Mujeres en la ciencia 208, 209, 210, 213, 214

Multimedia 256, 279, 280, 281, 282, 283, 284, 285, 286, 287, 288, 291, 292, 293, 295, 304

N

Normativa 143, 144, 145, 146, 147, 148, 150, 151, 209

O

Oportunidades 36, 43, 49, 50, 51, 59, 130, 135, 137, 153, 158, 172, 180, 181, 213, 253, 254, 271, 315

Organização 36, 40, 44, 46, 47, 49, 50, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 66, 72, 73, 81, 83, 94, 96, 106, 125, 194, 306

P

Partidos políticos portugueses 305, 307, 308, 309, 310, 311, 312, 313, 314

Periodismo digital 294, 296, 297, 298

Pessoa dependente 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 102, 103, 104, 106

Plantas medicinales 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 122, 201

Política criminal 153, 154, 155, 157, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 187, 188, 189, 190, 191, 192

Política universitaria UNNE 208

Práctica 25, 26, 27, 111, 151, 195, 204, 216, 224, 225, 226, 229, 231, 244, 245, 250, 252, 255, 260, 261, 262, 358

Praticas educativas 227, 228, 238

Pseudociencia 193, 194, 195, 196, 197, 198, 199, 200, 201, 202, 203, 205, 206

R

Recursos 21, 27, 47, 48, 50, 51, 53, 59, 85, 87, 88, 96, 110, 135, 136, 137, 165, 168, 170, 171, 172, 180, 182, 183, 184, 185, 186, 187, 209, 224, 228, 231, 248, 250, 253, 254, 256, 271, 273, 274, 275, 276, 281, 282, 287, 291, 293, 323, 331, 333, 346, 351, 352, 356, 358

Rendimiento académico 264, 269, 270

Representación social 241, 245, 246, 247, 248, 249

S

Salud 110, 111, 114, 115, 118, 143, 145, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 195, 223, 225, 247, 264, 265, 269, 270, 272

Salud pública 153, 154, 155, 157, 158, 159, 160, 162, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 176, 177, 179, 181, 183, 189, 191

São José de Ribamar-MA 62, 63, 71

Saúde mental 79, 105, 123, 125, 127, 131, 138, 141, 142, 143, 144

Sobrecarga 93, 94, 95, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106

Solución 26, 27, 157, 158, 172, 230, 232, 261, 267, 272, 344, 347

Standard on quality 1

Standard on risk management 1

Standards on financial statements 1

T

TIC 250, 251, 252, 253, 254, 255, 256, 258, 263, 274

Toma de decisión 350, 358

Twitter 305, 306, 307, 308, 309, 310, 311, 312, 313, 314, 315, 316

U

Universidad 18, 25, 26, 107, 121, 122, 148, 151, 153, 168, 187, 189, 191, 193, 206, 208, 209, 210, 213, 214, 215, 217, 225, 226, 240, 241, 250, 252, 264, 266, 271, 278, 279, 292, 293, 294, 303, 304, 338, 350, 364

V

Vinculación 215, 217, 223, 224, 225, 353